

# SOS Détresse

## **Crescer entre várias culturas**

### **Uma infância na terra de acolhimento**

*Eu não sei onde nasci*

*Nem sei tão pouco quem sou*

*Não sei de onde venho*

*Nem sei para onde vou.*

*Sou fruto de árvore caído*

*Que não sei de onde tombou.*

*Onde estarão minhas raízes?*

*De que árvore eu ramo sou?*

### **Canções populares de Boyacá, Colômbia**

A migração tem repercussões importantes na vida dos pais migrantes e também na dos filhos que nasceram no país de acolhimento ou que chegaram a este muito jovens.

## **Imaginemos esta vivência através dos olhos de uma criança**

O dia em que saímos do nosso país fica gravado na memória. A experiência é ainda mais difícil se nos sentíamos sós com a nossa dor, e se não a podíamos expressar aos nossos pais que já estavam muito tristes. Ou se a saída foi inesperada e não fomos preparados devidamente para a mesma, ou se a duração da estadia era provisória ou incerta. Quem sabe os nossos pais nos disseram que regressaríamos pouco tempo depois. Perante as decepções e a dureza da vida, a ideia de um futuro regresso é tranquilizadora para os pais e ajuda a suportar o exílio. Pelo contrário, as crianças têm mais dificuldades para projetarem e construírem esse futuro no país de acolhimento.

Provavelmente vamos recordar os tempos difíceis e a tristeza dos nossos pais. Os

primeiros tempos da migração estiveram carregados de emoções para todos e os filhos facilmente percebem o desgaste dos pais que talvez não se tenham adaptado com facilidade ao novo país. Tivemos que nos adaptar a uma escola nova e fazer novos amigos. Ao princípio custava identificarmo-nos com os colegas da escola que não se comportavam como nós. Quer tenhamos nascido aqui ou não, algumas das diferenças com os nossos colegas provocaram-nos sentimentos desagradáveis. Poderíamos ter tido vergonha porque os nosso pais eram diferentes, falavam com sotaque ou tinham um emprego menos considerado que outros. É possível que tivessem menos dinheiro ou uma habitação que não fosse a ideal. Trabalharam duro e muito, para além do trabalho suplementar em casa, não tinham tempo livre e viviam sobrecarregados. A vida no país de acolhimento não era fácil para eles.

Todos temos vivências próprias e recordações relacionadas com a migração dos nossos pais, que tiveram impacto, com aspectos positivos e negativos, nas nossas vidas. Em todo o caso, trata-se de um projeto que nos ofereceu novas oportunidades, tanto a nós como à nossa família.

## **Sou mais daqui ou de lá?**

Ao crescer entre duas culturas vamos sentir que pertencemos mais a uma do que à outra, ou às duas em simultâneo. Ou gostámos mais de uma ou de outra. Ou, às vezes, temos a impressão de não encaixar em nenhuma destas categorias. Aqui não nos sentimos plenamente como os outros, mas também não nos sentimos estrangeiros. É claro que não se trata de escolher uma das culturas. A nossa identidade e o nosso sentimento define-se por critérios e não pela nacionalidade.

Aprendemos, sem dar conta, a conciliar as duas culturas. Muitos conservam a cultura de origem no seio familiar, falando a língua materna e celebrando as tradicionais festividades, ao mesmo tempo que falam em público no idioma oficial e participam em pleno na vida social do país de acolhimento.

Para muitos de nós é forte o apego ao país dos nossos pais, ainda que não tenhamos vivido aí. Ainda mais se o visitamos periodicamente quando crianças, ou se lá temos família e amigos. Associámos o país às nossas férias, ao sol, às festas, à alegria e ao bom humor dos nossos pais. Nesse país sentimo-nos iguais aos outros. Outros nunca tiveram a oportunidade de visitar o país dos seus antepassados, mesmo assim têm interesse e apego por ele devido às histórias e imagens transmitidas pelos pais.

O interesse pela cultura dos pais pode expressar-se subtilmente ou aparecer mais tarde. Pode traduzir-se quando já somos adultos, aprendendo voluntariamente a língua que nos transmitiram os nossos pais, ou viajando para o país de origem deles.

Reconhecendo os contributos de ambas as culturas podemos tirar o máximo proveito de cada uma e beneficiar da dupla pertença.

## **A dupla pertença. Uma mais-valia**

Desde o nascimento, a nossa interação com o mundo determina o nosso universo íntimo, nossa personalidade, nossa identidade. O ambiente social e cultural no qual crescemos, concretamente a nossa família com a sua cultura influencia-nos. Essa

influência reflete-se na nossa forma de pensar e no nosso comportamento, nos valores e normas que assumimos como nossos.

Mas se nascemos ou chegamos quando crianças a esta nova sociedade, crescemos num ambiente cultural diferente e construímos a nossa personalidade numa condição específica de contacto com duas ou mais culturas. Sem darmos conta passamos do mundo familiar, com o universo cultural dos pais, ao da escola e dos meios de comunicação, nos quais predomina a cultura do país onde nos estabelecemos.

A família, como é óbvio, tem o seu próprio modo de funcionamento e interação com as suas normas internas, distintas das exteriores. Quando as duas culturas diferem muito entre elas pode haver um desfasamento importante entre o ambiente familiar e o universo exterior. As crianças precisam de ser aceites no grupo em que vivem, sobretudo por causa das outras crianças, e fazer parte desse grupo. Também precisam de sentir que fazem parte do mundo cultural dos pais. Assim, podem conciliar os dois universos e sentirem-se integrados.

### **...como riqueza**

A dupla pertença é uma mais valia. Crescer entre duas culturas oferece a vantagem de ter dois modelos de referência, duas formas de pensar, de falar outra língua... Na vida quotidiana temos a opção de nos podermos apoiar, ou não, em ambas as culturas, o que constitui uma vantagem numa sociedade cada vez mais diversificada.

Se é certo que a imigração acarreta obstáculos e tensões a vários níveis, também é verdade que oferece aos membros da família muitas oportunidades de satisfação, aprendizagem e desenvolvimento.